

citadas 55 espécies distintas de frutas que ocorrem naturalmente no ambiente. Existe ainda o cultivo de frutas introduzidas, como a laranja, a manga e o limão, o que não parece diminuir a dependência e a exploração de frutas nativas, como o açaí, a bacaba, o cacau, o cupuaçu, o muruci do mato, a peroba, o uxi curuba e o uxi liso. O uxi curuba parece ocorrer somente em uma região muito específica, o Igarapé da Raposa, local reconhecido como de mata virgem e refúgio das últimas árvores de grande porte.

A área de ocupação permanente dos indígenas engloba uma série de formações vegetacionais e ambientes distintos, como igapó, campos e mata e são explorados tanto para a caça de mamíferos e aves, que se dá predominantemente com o uso de espingardas. A caça é sem dúvida a atividade mais prestigiada entre os Borari e os Arapium e tem se dado de maneira mais intensa nos últimos anos, estimulada pela proximidade de mamíferos de porte médio (cotia, paca, tatu). Este avanço se deve, segundo os indígenas, à construção de *ramais* (estradas), ao alto tráfego de caminhões escoadores de madeira e ao desmatamento das áreas de habitação tradicional de tais espécies. Os mamíferos de grande porte (porcos, veado e anta) não são mais encontrados com tanta facilidade, assim como os felinos, maracajás e jaguatiricas, que foram caçados ostensivamente nas décadas de 1960 e 1970. Os indígenas apresentam cinco métodos de caça que distinguem no modo, tipo de caça e técnicas empregadas.

As atividades de caça necessariamente diminuem durante a seca, quando a pesca se torna mais fácil. Muitas vezes, a pesca nesse período é uma atividade menos exaustiva e de sucesso mais garantido, porque os peixes estão retidos em corpos d'água delimitados.

A divisão sexual do trabalho também é observada na caça. Somente os homens caçam e invariavelmente se reúnem para iniciar esta atividade. Na maioria das vezes, a perseguição e o abate de animais são realizados por um indígena sozinho ou em dupla. A caça é repartida primeiramente entre a família nuclear (marido, esposa e filhos) e depois com a família extensa (mãe, irmãos e afins) – neste caso, quando são abatidos mamíferos de grande porte. As mulheres ficam encarregadas de escaldar a caça (retirada dos pêlos ou penas) e fazer os cortes para divisão familiar. A preparação para a caçada inclui alguns procedimentos importantes para garantir a boa desenvoltura do caçador e a qualidade da caça. Banhos e proibições sexuais, por exemplo, contribuem para o sucesso da atividade, assim como os constantes acordos com o *curupira* dentro da mata. O não cumprimento de determinadas prescrições pode causar mal-estares e enfermidades sanadas apenas com o auxílio do *sacaca* ou do *curandeiro*. Considerando que os não-humanos, como os grandes mamíferos, podem ser *encantados* e distrair ou mesmo provocar doenças como a *olhada de bicho* no caçador, as práticas de prevenção tradicionais são objeto constante de narrativas sobre caçada.

O conceito de *panema*, presente na região do Tapajós e também encontrada sob outras nomações entre outros povos amazônicos, envolve alguma das práticas prescritivas para o exercício de atividades de caça e pesca. *Panema* é uma condição. Ser *panema* indica a não potencialidade para o exercício de alguma tarefa ou a impossibilidade de realização de algum ato, cujos principais indicadores são a baixa ou nula reprodução familiar e baixo ou nulo modos de manutenção da reprodução familiar, especialmente a atividade de caça.

Apesar da extensão territorial necessário para busca de caça, os indígenas não percorrem mais todo o espaço antes utilizado para as caçadas, porque temem a ação dos madeireiros e grileiros. Nos mapeamentos participativos e em conversas informais, foi relatada uma prática dos homens entre 50 e 60 anos, não mais realizada atualmente, que consistia em passar cerca de duas semanas caçando, chegando até as margens do rio Mamuru e retornando com carnes secas para as famílias. Ressalta-se que essa prática não é mais recorrente devido ao sufocamento territorial que essas populações vêm sofrendo com o avanço da indústria madeireira e dos planos de manejo irregulares segundo Relatório do Ibama produzido em 2007 sobre a Gleba Nova Olinda I. As mediações do Igarapé do Cachimbo, Igarapé da Raposa e Igarapé do Arraia são os principais locais utilizados pelos indígenas para caça.

Em relação à pesca, o rio Maró, apesar de suas águas pretas, com baixa diversidade de espécies e poucos nutrientes, é a principal fonte de pescados. De acordo com os indígenas, quando o rio não está seco, os peixes encontram mais facilidade para se esconder em igarapés e igapós, dificultando o trabalho de captura. Eles comentam que, mesmo em épocas de rio seco, a pesca não assume tanta importância como a caça para obtenção de alimentos. Ao todo, foram identificados 26 lagos e enseadas na região, e outras cabeceiras e igarapés de importância para a pesca, migração e reprodução de peixes.

Foram identificados também locais que os indígenas consideram primordiais para passagem. O rio Maró é o local considerado mais importante para a passagem de peixes (durante a migração/ piracema) e também para reprodução. Além dele, igarapés

como Olaia e Raposa, especialmente mais próximos de suas cabeceiras, também são relevantes, especialmente para desova de peixes.

Foram relacionadas 95 etnoespécies de peixes de interesse alimentar dos indígenas. Algumas espécies são classificadas como *reimosas*, assim como em relação aos mamíferos, em especial os *peixes lisos* ou de *couro*. A noção de *reima* está associada a evitações/prescrições de consumo de determinados alimentos considerados perigosos para o bem-estar ou algo que deve ser mantido sob custódia para a prevenção da saúde e, por esse caráter profilático, é que a categoria de *reimoso* não é fixa, os alimentos são *reimosos* na medida em que o sujeito está numa condição de vulnerabilidade segundo os conceitos locais, como na gestação, puerpério (resguardo) e enfermo. A noção de *reima*, encontrada em diversas sociedades indígenas, está intrinsecamente vinculada a medicina tradicional indígena.

Na pesca predomina o uso da zagaia, através do facheado, do caniço e de redes malhadeiras, no tempo da seca. Métodos como tarrafa, arco e flecha e linhada são também bastante citados como os mais utilizados na seca. Já na cheia, caniço é o mais citado, mostrando-se também relevante o espinhel e arco e a flecha. Há ainda métodos locais, com um longo histórico de ocorrência no Baixo Tapajós como o *panelão*, narrado por Barbosa Rodrigues no século XIX.

As outras atividades produtivas relacionadas à alimentação como criação de animais, consumo de répteis e invertebrados também são realizadas pelos indígenas, mas em menor escala.

Da perspectiva do uso de recursos não madeireiros e madeireiros a maioria das espécies vegetais utilizadas é retirada da *mata*, e a maioria é elemento da medicina tradicional dos Borari e Arapium. Os cipós, além de utilizados na medicina tradicional também são empregados na amarração tanto das casas quanto na fabricação dos utensílios domésticos como paneiros e jamanxim (cestos cargueiros), peneiras e tipiti, que são produzidos pelos próprios indígenas, formando o arsenal de cultura material local. Entre os cipós mais usados, estão o cipó titica e a envira.

As atividades relacionadas informam sobre os modos e formas de uso dos recursos ambientais pelos Borari e Arapium e possibilitam a compreensão sobre elementos da vida social indígena, tornando os recursos naturais não apenas substrato da subsistência e segurança alimentar, mas ícones cosmológicos. A manutenção de técnicas e práticas de caça, agricultura, pesca e extrativismo propiciam a sobrevivência física dos indígenas assim como os meios e estratégias das e para as relações sociais. Assim como os indígenas elaboram formas de relacionamento e sociabilidade interna também o fazem com os não-indígenas. Os indígenas atualmente necessitam dos auxílios governamentais para complementação de recursos alimentares e aquisição de materiais indispensáveis para as atividades produtivas. Os principais benefícios recebidos são as aposentadorias como trabalhadores e trabalhadoras rurais e o Programa Bolsa Família. Nas comunidades ainda existem quatro assalariados: dois professores, Agente Comunitário da Saúde e um auxiliar de serviços gerais contratado para realizar a manutenção da escola da Cachoeira do Maró. A maioria dos indígenas estabelece alguma relação mercantil com marreteiros (comerciantes) vendendo ou trocando farinha de mandioca e artesanato por outros produtos ou comerciando no município de Santarém.

A integração dos indígenas na sociedade envolve através da comercialização de produtos como a farinha é descrita pelos cronistas que passaram pelo Baixo Tapajós nos séculos XVII e XVIII, e permanece até os dias atuais. Ressalta-se que a diferença latente para os Borari e os Arapium nessa relação interétnica é o modo coletivizado de uso da terra e de sua produção agrícola, muito distinta das que estão sendo requeridas por outras populações vizinhas do oeste paraense.

PARTE IV- MEIO AMBIENTE

Os Borari e Arapium estão localizados na porção central da *Bacia Sedimentar do Amazonas*, aflorando uma seção da *Formação Altér do Chão*, no rio Maró. O rio Maró é um rio bastante estreito e pequeno para os parâmetros locais, o que leva os moradores a comumente se referirem a ele como *igarapé*. O rio Maró é um dos tributários do rio Arapium, o qual, por sua vez, é o principal afluente do Rio Tapajós. Tanto Tapajós quanto Arapium são rios de água clara, enquanto o rio Maró possui águas pretas, embora suas águas sejam consideradas relativamente pretas. Os rios de águas pretas, como o Rio Negro, nascem nos escudos das Guianas e Brasil Central ou nas terras baixas dos sedimentos terciários da bacia Amazônica. Devido ao relevo suave, esses rios recebem poucos sedimentos, o que deixa as suas águas transparentes. A cor preta é provocada pelos ácidos húmicos e fúlvicos dissolvidos na água, provenientes da decomposição de matéria orgânica oriunda da floresta, na forma de matéria vegetal que cai na água. Os rios de águas pretas possuem níveis muito reduzidos de nutrientes e sais minerais, sendo que suas águas são ácidas devido à falta de cálcio e magnésio nas formações geológicas da drenagem, além da produção de substâncias húmicas, por essa razão são reconhecidamente rios de pobreza na diversidade aquática, em termos de riqueza e

abundância de espécies e são menos produtivos que rios de água clara e água branca.

A área residencial dos Borari e Arapium (*vilas*) tem predominância de planícies aluviais, solos arenosos, lâminas isoladas de argila e várzea, com espaços de terra preta, fundamental para conservação das peças cerâmicas produzidas por antepassados e tidas como signos diacríticos de etnicidade para os indígenas. Os *campos de natureza de Novo Lugar*, espaço considerado sagrado pelos Borari e que não pode ser manipulado por humanos, as colinas suaves abrangem toda a sua extensão. O topo máximo é de cerca de 38 metros de altitude, apresentando alguns taludes com declives de inclinação mais acentuada nas porções próximas às margens dos igarapés, particularmente nos igarapés do Castanhal, Tirirical, Patauaal e Beiju-Açu. A área de ocupação permanente dos Borari e Arapium tem cobertura vegetal composta por quatro tipos de formações vegetais (subgrupos) bastante distintas entre si: floresta equatorial subperenifolia e cerrado equatorial subperenifólio, na terra firme, floresta equatorial higrófila de várzea e campos equatoriais higrófilos de várzeas, nas áreas sujeitas a inundação.

A região apresenta características gerais de clima quente e úmido, com temperaturas médias, máximas e mínimas anuais que oscilam, respectivamente, entre 25 e 26°C, 30 e 31°C e 21 e 23°C, enquanto que a precipitação pluviométrica apresenta valores anuais oscilantes em torno de 2.000 mm, com distribuição irregular durante os meses, mostrando a ocorrência de dois períodos nítidos de chuvas, com o mais chuvoso abrangendo o período de dezembro a junho, concentrando em mais de 70% a precipitação anual.

Este complexo ambiente é domesticado e organizado pelos Borari e Arapium, onde espaços, espécies vegetais e animais e humanos interagem na constituição de uma relação social. O equilíbrio dos entes materiais e imateriais influirão sobre a vida dos povos indígenas residentes. Dessa maneira, constituem-se como principais espaços para manutenção e preservação do modo de vida dos Borari e Arapium: o Igarapé do Arraia e Igarapé do Cachimbo como pontos focais de caça e pesca, coleta de recursos madeireiros para edificações e recursos não madeireiros para edificações, artesanato, fins medicinais e xamânicos, assim como são locais de residência de *encantados*. São nas mediações do Igarapé do Cachimbo que estão concentradas as áreas de matas primárias e florestas antigas, locais fundamentais de reprodução das espécies animais utilizadas para alimentação dos Borari e Arapium, no entanto, ali é que estão centradas as atividades de exploração madeireira.

O Igarapé da Raposa também é fundamental e é utilizado para os mesmos fins acima descritos, constituindo importante ponto de caça de pacas e cotias, como também tem significância cosmológica para os Borari, tanto por ser abrigo de *encantados* e local de domínio xamânico quanto por ter nas suas mediações *campos de natureza*. Os Igarapés do Castanhal, Tirirical e Patauzal formam importante complexo hídrico que abastece o consumo da comunidade de Novo Lugar.

PARTE V-REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

A cosmografia Borari e Arapium aponta os corpos d'água como os principais índices cosmológicos. Rio, igarapés, lagos são residências de seres socioespaciais, são locais percorridos pelo *sacaca* em viagens xamânicas e são fontes de poder. A medicina tradicional indígena pode ser um viés interessante para compreensão do complexo mosaico de relações entre seres, coisas e ambientes. Já foi descrita a grande dependência das espécies vegetais não cultivadas para fins medicinais, contudo mais que saberes botânicos (domínio e classificação de espécies vegetais), a medicina tradicional indígena pressupõe teses e práticas sobre o estar no mundo, noções de doença, saúde e cura e uma estrutura teórica nosológica e profilática.

Os principais atores dessas inter-relações são os terapeutas locais, chamados de *sacaca* e *curandeiro* e correspondem aos pajés (xamãs) das comunidades. Essas figuras políticas estabelecem a conexão entre os planos de existência do universo Borari e Arapium e transitam cotidianamente entre eles. Tanto o *sacaca* quanto o *curandeiro* domina um determinado espaço e interage de modo distinto com ele. Esses espaços de interação dos pajés são povoados por seres socioespaciais, os *encantados*. Ambos os terapeutas têm *encantados* acompanhantes para distintos fins, como curar, benzer e proteger. Os *encantados* são donos de lugares, em especial as cabeceiras de igarapés e rios, e ali permanecem. Os humanos usufruem desses locais e a eles são vinculados. Assim, cada *sacaca* tem não apenas seus *encantados*, mas seus lugares e quando da morte do terapeuta seu corpo deve ser jogado na água, e ele mesmo irá encontrar seu lugar de pertencimento para viver pós-morte.

O *sacaca* percorre planos simultâneos e complementares para sanar pequenas enfermidades e travar batalhas xamânicas: o fundo do rio, a terra e a *mata*. Os *encantados* são os donos dos locais e eles têm ampla ação sobre a vida dos indígenas. Muitas narrativas sobre pessoas que foram encantadas, objetos e locais encantados são relatados, principalmente pelos mais velhos que não restringem suas narrativas à área de ocupação